

Resumo: O autor tenta estabelecer um laço dinâmico entre o sofrimento mental dos doentes da dependência, particularmente nos seus aspectos mais “arcaicos”, podendo reenviar a uma matriz psíquica de tecedura irregular ligada a experiências objectais precoces de nota afectiva inefável, logo irrepresentável, e a dificuldade no estabelecimento de uma relação psicoterapêutica mutativa, em resposta a um pedido de tratamento, as mais das vezes, desmentido em surdina pela conduta que o justifica.

Recorre a uma analogia psíquica compreensiva com a teoria determinística do caos, tendo em mente o seu carácter de abstracção matemática da física dos sistemas naturais dinâmicos não lineares, logo longe do equilíbrio sistémico, para abordar a complexidade da trama dolorosa (labiríntica) que aprisiona estes pacientes na teia de condutas anestésicas, que, pouco a pouco, desvitalizam o fio mnésico necessário à construção (contínua) de um sentido existencial único, porque partilhável na relação com o outro.

Procura, em particular, questionar, com base na análise clínica do percurso terapêutico de dois pacientes com gestos adictivos algo diferenciados, a sincronia das manifestações apresentadas, realçando a rigidez do funcionamento mental (proto-onírico) que lhes subjaz e impede o acesso à metaforização, pela palavra ou a partir dela, das violentas emoções que lhes subjazem. A referência à teoria psicanalítica da relação de objecto, a partir da sua inscrição originária no *topos* pulsional Freudiano, é colocada a par da nova abordagem cognitivista, decorrente das descobertas mais recentes no domínio da neurobiologia do conhecimento, num esforço de leitura dialéctica que permita alargar horizontes conceptuais em área tão desafiante da suficiência dos saberes constituídos, como o é, sem dúvida, a toxicoddependência.

Palavras-chave: toxicoddependência; teoria do caos; afecto; memória; representação psíquica

Résumé: L'auteur essaye d'établir un lien dynamique entre la souffrance mentale des malades de la dépendance, notamment les aspects les plus “archaïques” de cette souffrance qui renvoient à une matrice psychique de tissage irrégulier, en fonction d'expériences objectales précoces affectivement inétables, donc irrepresentables, et la difficulté à nouer avec eux une relation psychothérapeutique à caractère mutatif. Et ceci, en réponse à une demande de traitement qui est, le plus souvent, mise en silence par la conduite même qui la justifie.

Ayant recours à une analogie psychique compréhensive avec la théorie déterministe du chaos, en tant qu'abstraction mathématique de la physique des systèmes naturels dynamiques non linéaires, donc loin de l'équilibre systémique, il devient alors possible d'aborder la complexité de la trame douloureuse (labirinthique) qui renferme ces patients dans une toile de conduites anesthésiques, lesquelles, petit à petit, dévitalisent le fils mnésique implicite à la construction (continue) d'un sens existentiel unique, car partageable dans la relation à autrui.

L'auteur interroge, en particulier, l'apparente synchronie de leurs manifestations comportementales, à partir de l'analyse clinique du parcours thérapeutique de deux patients ayant affaire à des gestes adictifs quelque peu différenciés. Il soulève la rigidité du fonctionnement mental (proto-onirique) que sous-tend cet agir répétitif et empêche, de la sorte, l'accès à la métaphorisation du vécu émotionnel pénible qui justifie le recours compulsif à ces conduites. La référence à la théorie psychanalytique de la relation d'objet, à partir de son inscription originaria dans le *topos* pulsionnel Freudian, est mise en rapport avec la nouvelle approche cognitiviste, qui essaye d'intégrer les découvertes les plus récentes dans le domaine de la neurobiologie de la connaissance, dans un effort de lecture dialéctique capable de permettre, dans l'avenir, d'élargir l'horizon conceptuel dans un domaine qui défie, de façon radicale, la suffisance disciplinaire des savoirs scientifiques constitués.

Mots-clé: toxicomanie, théorie du chaos; affect; mémoire; représentation psychique

Abstract: The author dresses a dynamic connection between the mental functioning of the patients suffering from **dependency diseases**, particularly in its most “archaic” aspects bounded to a defective psychic matrix due to the affective insufficiency of their early objectal experiences, and the difficulty in establishing with them a psychotherapeutic relation of a mutative character.

Using a comprehensive psychic analogy with the deterministic chaos theory he tries to approach the complexity of the painful (labirinthic) frame that captures these patients inside the cobweb of an anaesthetic behaviour that destroys step by step the memory edge implicit to the (continue) construction of an unique existential meaning.

How can then be explained the apparent synchrony of the addictive manifestations of each one of the two patients whose therapeutic trajectories are analysed in this paper? The author stresses the rigid mental functioning of these patients whose internal world is always overwhelmed by the chaotic non-integrated nature of a set of “non-thinkable” emotions, making them unable of using a “dreamwork” apparatus to accede to the metaphoric “working through” of verbally expressed affective states on a mind of their own.

A dialectic approach to the contributions of both psychoanalysis and the new cognitive perspective based on the most recent advances of the neurobiology of the mind is finally attempted. The rationale of such a dialectic approach lies on the challenging nature of the therapeutic interrogations and scientific doubts brought about by a clinical field which eludes the absolute sufficiency of the classic domains of disciplinary knowledge.

Key-words: drug addiction; chaos theory; affect; memory; psychic representation

O gesto, os labirintos da alma e a demanda do Ser.

O fio precário de um afecto a-mnésico.

Carlos Farate

O Gesto

Heróico

Afonso é um adulto (sempre) potencial, pelos 40 anos de idade (oficial), o corpo magro de estatura meã, o rosto tónico de expressão tensa e o aspecto exterior cuidado, cuja adultícia está enredada no impasse existencial de um agir impulsivo, de “arcaica” desmesura e selo adolescente, como se aguardasse, sem tempo de espera possível, a redenção “heróica” de um édito de morte cedo anunciado. Sofrimento melancólico que vai tentando aliviar pelo consumo excessivo de repetidas doses de anestésicos inebriantes (heroína, álcool) ou poções estimulantes (anfetaminas, cocaína) em punções de efémero prazer, para uma alma amortilhada. Em seguimento terapêutico comigo há cerca de dez anos (“muito tempo doutor”, diz num meio sorriso ambíguo, como se me interrogasse de um modo inefável, já que despido da tensão conflitual do sujeito da interrogação, sobre o destino temporal que prevejo para a nossa relação, cuja existência está sempre em risco de soçobrar na campa rasa de efemérides passadas) em consultas periódicas entrecortadas por longas interrupções, que, mais recentemente, têm dado lugar a um esboço túbio de continuidade relacional. Mesmo se tal se deve, sobretudo, às queixas somáticas ou funcionais (em particular, a agitação e a insónia) ou a consumos *in miserere* ocasionais, operando, umas e outros, num campo psíquico saturado pela necessidade (mentirosa) de ajustamentos na dose de metadona, ou de outras medicações psicotrópicas de ocasião, à míngua de uma percepção (intuída, se bem que, de pronto, desmentida) da raiz fóbica que aprisiona o invólucro corpóreo no sofrimento mental limite que, *pari passu*, o corrompe. Infante do meio em numerosa fratria, de pai trabalhador esforçado e abstémio, sobretudo de afectos, e mãe corrente, com filhos e preocupações à sirga (curta), várias (meias) ligações falhadas, ainda antes de começar, um filho pré-adolescente de uma companheira inviável, artífice hábil em pequenas reparações mecânicas, de gesto lesto e

rápido desgaste, tal como os ofícios precários em que se dá, quase sempre, por mal empregado. Mas é, sobretudo, a tentativa de secar as pré-formas de fantasias mortíferas, exutório de emoções internas de insustentável qualidade, que subjaz aos gestos de um risco atordoante, nimbados de uma violência difusa e indiferenciada que inviabiliza o sentir para além do *sensorium*, em que se tem envolvido em 25 anos de “carreira adictiva” (condução “nos limites”, participação em assaltos, correio de droga para traficantes sem escrúpulos, relações sexuais em parceira duvidosa). Gestos de que reconhece a vanglória, e a remanescente ineficácia (depressiva), não sem que antes tenha efectuado um relato, quase fílmico, dos acontecimentos em causa (como se um duplo de si, vagamente heróico, estivesse projectado nas terríveis cenas que me conta). Assim, a certo passo de uma consulta recente, relata-me, de novo, uma situação de grupo (que remonta aos “anos de fogo” da aventura adictiva) em que afrontou a morte ao aceitar o desafio de injectar o desconhecido conteúdo de um frasco rotulado com uma caveira, ao jeito da iniciação a uma prova “ordálica” (no sentido atribuído a este termo por M. Valleur e Charles-Nicolas) proposta pelos companheiros da confraria ritual de ocasião. Quando lhe pergunto o que sente agora ao contar-me esta aventura, sorri nervosamente e encolhe os ombros num gesto seco, acompanhado de um “sei lá” vago, algo “operatório”. Após um breve momento de (incomodado) silêncio, fala-me de um episódio ocorrido na véspera em sua casa, o qual, retomando as suas palavras, “me provocou uma grande irritação”. Estava a ver o anúncio televisivo a uma certa marca de automóveis acompanhado dos pais (com quem continua a viver, tal como um irmão mais novo, publicista de profissão e alcoólatra por, aparente, vocação, com o qual sustenta um relacionamento conflituoso). No dito comercial é feita referência ao modo como, na ordem animal como nos humanos, os pais transportam os filhos em conforto para mais eficazmente os protegerem, enquanto lhes ensinam o caminho a seguir. Ao ver o anúncio, virou-se para o pai, sentado a seu lado, disparando-lhe um “estás a ver, até os animais ajudam os filhotes a andar. Só tu é que não foste capaz de fazer isso comigo”. O pai nada respondeu e ele saiu da sala enfurecido (relata-me esta cena do dia anterior com uma viva emoção, sem se dar conta de que não colocou a este pai, de palavra curta e resposta muda, questão alguma). Aliás, o Afonso não gosta de fazer perguntas (por medo de não encontrar respondente?) procu-

rando, como se de um sobrevivente se tratasse, perscrutar os sinais exteriores do outro para, como me diz num gesto verbal seco, “saber o que posso esperar dele...o que vai vir dali”.

Teatral

A Sara é uma jovem de 22 anos de idade, à data da 1ª consulta, de estatura mediana e porte gracioso, a tez morena e um rosto oval harmonioso e de traços finos, a que o semblante tenso, o brilho triste do olhar e uma certa inibição expressiva imprimem uma nota depressiva dominante. Vem à consulta acompanhada pelos pais que referem uma situação de bulímia, com cerca de um ano de evolução, que não tem cessado de agravar-se a despeito das tentativas, aparentemente infrutíferas, efectuadas para a debelar. Situação incompreendida pelo pai, homem robusto e comerciante de sólida reputação social na localidade em que residem, e dificilmente tolerada pela mãe, mulher pelos 47 anos de idade, de aspecto frágil e semblante depressivo, com antecedentes de hospitalização psiquiátrica por Episódio Depressivo Major, há cerca de 10 anos (tinha a filha 12 anos de idade). A Sara tem uma irmã, dois anos mais velha do que ela, a Regina, que concluiu uma licenciatura em Contabilidade no ISCAP e desenvolve a sua actividade profissional numa cidade próxima da localidade em que a família habita (e na qual a Sara trabalha na secção de pronto-a-vestir de um pequeno centro comercial, propriedade de um casal amigo da família). O sentimento de frustração narcísica, sob a forma da vergonha e do vazio interior, parece ser bastante acentuado nesta jovem. Este sentimento marca, sobretudo, a relação com o pai e com a irmã Regina, rainha num trono paterno de que a Sara se sente, desde cedo, afastada, numa espécie de identificação invalidante com o lado sombrio, depressivo, da mãe. A este propósito, é interessante reter a alusão feita pela Sara, quando fica a sós comigo nesta consulta, ao modo como a sua mãe sentiu dolorosamente a perda da sua própria mãe (com apenas 51 anos de idade e por problemas cardiovasculares graves, tendo a Sara, ao tempo, 11 anos) e à referência frequente, por parte desta avó materna, a quem parece ter estado profundamente ligada, ao desgosto sentido aquando da perda precoce do seu segundo filho (o irmão mais novo da mãe, que a Sara nunca chegou a conhecer). De facto, parece existir entre a Sara e o pai uma interacção tensa, organizada sob um modo sado-masoquista dominante, em que a atitude de aparente indiferença menospreziva por parte

deste último (na linha directa da expectativa negativa inscrita na mente depressiva da Sara, a partir da experiência recente da falta de apoio material e, sobretudo, anímico que lhe permitisse continuar a estudar após a reprovação no 10º ano, conforme, aliás, à impressão mnésica deixada por um episódio anterior da mesma natureza) dá lugar a uma resposta em espelho, por parte da primeira, através de um gesto inenarrável que, embora em negativo, escapa ao controlo desvalorizante de tão incontornável tirano familiar. A mãe denota, por sua vez, um sentimento de desalento, associado a uma culpabilidade subterrânea (talvez retrospectiva, terá ela falhado, tal como a sua própria mãe, o segundo filho homem, na ordem do imaginário da satisfação do desejo do marido/pai?) que parece dar lugar a uma cumplicidade ambivalente entre ambas, assente numa ineficaz atitude de (duplo) protesto relativamente à aparente pouca sensibilidade do pai em face da situação actual desta filha (“dupla” da mãe na fantasia projectada no conteúdo manifesto deste protesto no feminino). Em consulta ulterior a Sara refere um sonho de infância, em aparência pueril, mas cujo significado profundo irá revelar-se à luz do seu gesto bulímico, de tornar-se actriz de teatro. Sonho romanceado na adolescência (a referência imaginária, mais implícita que explícita, a Sarah Bernhardt é, aqui, tentadora, até pela analogia trágica, que não histórica ou de talento artístico, do Ideal romanesco que subjaz à fantasia), cuja frustração atribui à realidade das limitações do meio social em que vive e, sobretudo, pela importância simbólica de que se reveste, à incompreensão desvalorizante do pai relativamente às suas expectativas de formação artística. Como se organiza, então, a representação cénica da frustração de um Ideal do Eu, morto *in statu nascendi*, no estreito palco/casa de um público (muito) familiar? É, quase sempre, ao jantar que a cena se inicia. O ambiente é, habitualmente, tenso, a atenção e as conversas centram-se, as mais das vezes, no comportamento alimentar da Sara. Esta come pouco e retira-se cedo da mesa para ajudar a mãe a arrumar a cozinha (a irmã só ao fim de semana está em casa e, mesmo nessas ocasiões, ajuda, preferencialmente, o pai a fazer a contabilidade do pequeno comércio familiar). É, então, que a acção se desenvolve. Iludindo, como pode, a vigilância dos pais a “actriz” retira-se para o seu quarto, aonde ingere avidamente, de modo compulsivo, grandes quantidades de doces e alguns chocolates que trouxe escondidos (retirados, não raro, à socapa das prateleiras do mini-mercado paterno...). Em seguida,

vomita no quarto de banho contíguo e retira-se rapidamente para os bastidores. Deita-se na cama e ensaia a “evasão” improvável do cerco que a aprisiona. Diz-me, então, com um brilho de êxtase triste no olhar, “fico assim como suspensa entre o céu e a terra, com a sensação de que o meu corpo não tem forma nem peso, flutua no espaço”. Segue-se um curto silêncio (como se tentasse re-sentir ali comigo a estranha emoção deste prazer enigmático, tão inolvidável como inominável, descortinar-lhe um sentido existencial partilhável, em vez de se manter embalada no invólucro corpóreo pré-psíquico (A. Green, 1998) que a encerra num narcisismo anti-objectal rígido - nostálgico, regressivo - e, como tal, intransmissível, porque alheio a uma significação relacional inteligível). Remata, enfim, dizendo, num tom de voz baixo, quase inaudível, “depois é horrível...mas naquele momento é tudo tão estranho, tão agradável, mas não consigo explicar-lhe o que sinto.....é muito estranho isto que me acontece”

Os labirintos da alma

Que liame expressivo podemos, então, inferir entre os dois gestos acima ilustrados sem cair na tentação factícia de arrematar a parte (comportamento) pelo todo (afecto), ou, mais grave ainda, tentar o passe ilusionista de elaborar uma pretensa sistemática explicativa, de reduzido valor heurístico acrescentado, a partir da configuração ordenada de um conjunto de factos clínicos, organizados na nossa mente, que não na mente dos pacientes que dela (da ordenação judiciosa dos factos alinhavados para avaliação clínica abalizada) são objecto?

Tarefa tanto mais difícil quanto estes factos brotam de um caos psíquico originário, proto-onírico, cujas complexidade sistémica e riqueza expressiva (conceptual), resultam da tensão dinâmica entre a estabilidade estrutural (perceptiva) e a qualidade transformacional (onírica) dos elementos/objectos que organizam o “aparelho para pensar os pensamentos” do sujeito psíquico, na superior definição de W. Bion.

Este *armamentarium* conceptual pós-moderno, a que J-M. Quinodoz (1997), na linha da reflexão psicanalítica proposta por Pragier & Faure-Praguer (1990), atribui uma analogia científica compreensiva com a teoria determinística do caos, foi genialmente introduzido no pensamento psicológico por S. Freud na reflexão *princeps* contida no texto de 1921 “Para além do princípio do prazer”.

Com efeito, a despeito de uma obra fundada numa perspecti-

va epistemológica dualista, assente, ademais, numa teoria pulsional referida à física Helmholtziana da época em que elaborou o essencial do seu labor científico, Freud soube compreender que os traços mnésicos inconscientes, que fundam o trabalho do sonho necessário à inteligibilidade consciente de uma realidade sensível estruturada no espaço/tempo Kantiano, se produzem segundo processos psíquicos “intemporais”, i.e., aos quais a representação consciente do tempo não pode ser aplicada.

Lembremos que a teoria determinística do caos se aplica aos sistemas dinâmicos complexos não-lineares, cujo equilíbrio estrutural é função da tensão constante entre duas tendências antagónicas operando no seu interior, a saber, a tendência à atracção e à divergência das suas trajectórias relativamente à influência estruturante de “atractores estranhos” (“*strange attractors*”), objectos que organizam a sua fractalidade (i.e., a regularidade da organização do sistema em face do caos gerado pelas transições de estado a que está constantemente sujeito) e que actuam em *continuum* num espaço/tempo finito a n dimensões.

Em síntese, o grau de constância estrutural de que o sistema é capaz perante o impacto caótico da divergência de trajectórias gerada por fenómenos de turbulência ligados à mudança de um estado ao outro, depende de três ordens de factores: a “sensitividade às condições iniciais” (*sensitivity to initial conditions*) em que esta ocorreu; a “variável de regulação” (*tuning variable*) que permite prever o início, a duração e a intensidade da turbulência associada à transição de estado; e, sobretudo, a dimensão do “atractor estranho” que assegura a convergência das trajectórias dos elementos do sistema (a sua estrutura dissipativa) no estado actual, i. e., por outras palavras, que determina as condições do seu regresso ao equilíbrio (fractalidade, estabilidade estrutural) na situação de perturbação caótica a que este se encontra sujeito. Segundo Dubois *et al.* (*cit. in.* Quinodoz, 1997) quanto maior for a dimensão do “atractor estranho” (definida pelo número de variáveis e graus de liberdade das correlações possíveis no modelo estrutural mais simples) maior é a complexidade do sistema, i.e. a sua capacidade “dissipativa” em manter a estabilidade perante as perturbações de fase do estado actual, e, pelo contrário, quanto menor for a referida dimensão maior será a rigidez do sistema considerado, logo a sua fragilização desorganizativa perante a mínima perturbação com que é confrontado.

Se bem que curta e, algo limitada, esta referência à microscopia dinâmica da organização e modo de funcionamento da matéria viva de estrutura complexa, cujo comportamento caótico, formalmente imprevisível, se torna previsível através de uma abstracção física da função matemática da probabilidade, convida ao exercício lúdico de pensar a possibilidade de um hipotético *analogos* com a leitura psíquica da mente humana.

Exercício este, cujos alcance científico e, sobretudo, precedência conceptual constituem objecto fascinante de reflexão epistemológica, em função, nomeadamente, do grau de complexidade dos processos mentais que a observação psicológica tem identificado (e, em particular, a investigação psicanalítica, a partir da observação microscópica da realidade complexa do funcionamento mental, conseguida pela epuração mnésica operada no processo transferencial que conduz à progressiva desconstrução dos complexos patológicos que afectam a mente do paciente) (ver, a este propósito, Green, 1992). Sem esquecer, enfim, que a teoria determinística do caos é, como o são, aliás, outras abstracções matemáticas aplicadas à física, à química ou à biologia dos sistemas naturais, uma construção da mente humana, em procura contínua (interna e sensível) de um sentido cosmogónico para a (sua) existência. Regressemos ao (provisório) objecto da analogia e retomemos a elegante e rigorosa leitura psicanalítica proposta por Quinodoz ao abordar a realidade psíquica como um sistema dinâmico complexo (com referências marcantes aos ensaios de Pragier & Faure-Praguier e de Moran (1991) nos quais se inspira, embora na senda exigente do aprofundamento da reflexão aí iniciada).

A partir da interpretação do texto deste autor, podemos, então, inferir que o impacto subjectivo das transições periódicas entre estados diferentes (sono/vigília; consciente/inconsciente; ansiedade/depressão; narcisismo/sociabilidade) é função da sensitividade às condições iniciais (perceptivas) em que o estímulo (interno ou externo) que as produz ocorre, a qual, em ligação com a “variável de regulação” (a qualidade transferencial da relação entre sujeito e objecto) que permite “prever” o seu efeito sobre a integridade narcísica do sujeito, determina a dimensão do “atractor estranho” (a fantasia, cujo conteúdo mnésico organiza o vertex afectivo do acto de pensar) que garante a fractalidade do sistema, i.e., o regresso do sujeito psíquico ao equilíbrio estrutural no novo estado em que se encontra.

Ou ainda, de acordo com Quinodoz, numa referência à noção Bioniana de “caesura”, que assegura uma função reguladora da tensão antagónica entre separação e continuidade implícita à transição entre os diferentes estados da mente (pensamos ser tentador fazer, a este propósito, uma referência à noção metapoética de “objecto transitivo” com a qual D. Winnicot (1954) propõe uma fantasia na fronteira entre dois estados – consciente e inconsciente – capaz de funcionar como um “atractor estranho”, regulador interno da turbulência caótica gerada, na mente infantil, pela tensão antagónica entre separação e continuidade na interacção profunda entre o bebé e a mãe da relação dual originária).

Interessa-nos, em particular, para desenvolver o propósito deste texto, tentar compreender em que medida a rigidez do Eu dos doentes da dependência (i.e., a pequena dimensão da fantasia/“atractor estranho” que os torna tão vulneráveis aos efeitos desorganizantes do caos psíquico gerado por alterações mínimas de um frágil *setting* interno, incapaz de conter a angústia da separação relativamente a um objecto de relação efemeramente representado na sua consciência) se pode inscrever na precariedade da constituição dos laços afectivos primordiais.

Por outras palavras, em que medida a “compulsão à repetição” do gesto adictivo, identificável na montagem psíquica agenciada quer pela “operação de *pharmakon*”, na sugestiva designação de S. Le Poulichet (1987), do Afonso, quer no comportamento bulímico da Sara, poderão remontar a uma “falha” na tecedura afectiva de uma dependência objectal de tempo interno ou qualidade íntima insuficientes, a despeito, provavelmente, de desígnios parentais que poderiam ter conduzido a diversa sorte a construção psíquica originária? E, que variáveis discretas, ou observáveis, poderão ter conduzido a um tal desenlace? Enfim, que intervenção propor para tentar paliar a tal constrangimento existencial?

Antes de tentar prover fonte de questionamento bastante para abordar resposta futura a tais interrogações, passemos, por um momento, ao domínio ilustrativo da alegoria, passo de alento imaginário para o balanceamento discursivo na ordem da metáfora que, em nosso entender, deve fundar o diálogo conceptual, para além do rigor lógico da exegese científica que o alicerça.

O domínio é o da lenda, o local da imaginação heróica, porque de uma saga heróica se trata, é Atenas, o protagonista accidental, porque escolhido pelos deuses do Olimpo, é Teseu,

o Minotauro é o monstro fascinante, figura composita, meio toiro meio homem, a personagem da ambivalência providencial Dédalo, o genial construtor do labirinto, clausura da besta dolorosa e lugar a meio caminho da ilusão/refúgio da dor bestial e da condenação inexorável ao seu ataque mortífero, e, enfim, Ariadna a heroína trágica, de espectadora impotente a amante passiona do herói e chave do enigma da salvação, que acabará, contudo, presa de um enigma existencial maior, ao perder o fio do novelo amoroso que a ligava à vida.

Deixamos ao leitor duas questões, que, esperamos, não traíam a ordem do imaginário, lugar em que a lenda se constrói num cenário ambíguo entre a criação mítica do sonho e o risco assombroso do pesadelo. *Primus*, será a dor que justifica o labirinto, ou, ao invés, o labirinto que inventa a dor? *Secundus*, será a heroína uma projecção salvífica do gesto do herói, ou, antes, este último a figura trágica projectada na identificação amorosa (nostálgica?) da heroína?

A demanda do Ser

Duas vias se nos deparam para tentar abordar, na ordem da construção de um sentido atinente à importância do afecto nos processos de reconhecimento consciente do sujeito, as dúvidas acima suscitadas. Um primeiro caminho, avenida larga e de frondosa investigação, conduz-nos à identificação dos mecanismos neurobiológicos da consciência do Ser, enquanto que, o segundo caminho, complementar ao primeiro, para uns, origem da descoberta da cidade interna, para outros, feito de ruelas estreitas e cruzamentos de exigente atenção ao tráfego das emoções que neles circula, nos leva à descoberta da trama invisível que organiza a consciência mnésica do sujeito de palavra.

Se nos inspirarmos na fundação metafórica do aparelho psíquico, na senda da rigorosa mecânica espiritual cientificamente laborada por Freud, a meio caminho entre a analogia neurológica e a alegoria mítica de acentuado cunho culturalista, e retivermos a essência do seu postulado de 1923, segundo o qual, “o Eu é primeiro e acima de tudo um Eu corporal” fácil nos será optar pela dialéctica do soma e da *psyche* no enraizar neuroobjectal da permanente construção da mente humana.

Podemos, então, interrogar-nos, do lado da neurobiologia do conhecimento, a partir da leitura analógica da conceptualização construtivista narrativa proposta por A Damásio (2000) para a compreensão da realidade sensível da mente corporal,

sobre os motivos da fragilização do processo de transformação perceptiva (imagética, não verbal de 2ª ordem) da consciência do si nuclear do Afonso, como da Sara, que coloca em permanente risco de desorganização a estrutura neural complexa do seu proto-si (tácito, não consciente) sob o impacto (divergente, caótico) dos estímulos objectais a que estão, a cada momento, sujeitos, em função da extrema rigidez de um si autobiográfico (conceptual), arquivo mnésico inutilizável, porque incapaz de trazer à tona da consciência verbal um registo pensável da memória implícita (afectiva) das experiências de passadas transições de estado. Por outras palavras, da pequena dimensão que parece ter, em cada um deles, este “atractor estranho” que assegura a tendência dissipativa da mente como sistema dinâmico complexo, i.e. a fractalidade inerente à função da leitura consciente do estado actual do proto-si que é continuamente realizada pelo si nuclear.

Se nos aproximarmos, agora, do centro da cidade mental, deixando as avenidas largas da periferia consciente, encontramos uma zona intermédia feita de ruas largas e cruzamentos desenhados de modo funcional, espaço de transição pré-consciente para o dédalo psíquico (proto-onírico) de elementos sensorio-emocionais da cidadela interior.

Chegados a este espaço intermédio (intersubjectivo), podemos interrogar-nos acerca da qualidade das experiências precoces que levaram, tanto a Sara como o Afonso, à incapacidade, pelo menos parcial, da transformação cognitiva eficaz dos dados da “memória processual” (*procedural memory*) implícita, sede dos padrões comportamentais espontâneos (não intencionais) de resposta a estímulos objectais correntes, em “memória declarativa” (*declarative memory*) explícita, domínio da sua elaboração simbólica (intencional) em consciência verbal, pela actualização mnésica dos processos emocionais primários que a presença do objecto evoca no sujeito (ver, a este propósito, P. Fonagy, 1999).

Mais precisamente, interessa-nos perceber em que medida o agir compulsivo do gesto sensorial de ambos poderá ser interpretado como tentativa radical de colocar fora do si corporal todo o estímulo objectal sensível, i.e., íntimo, portador de sentido, em função de um “conhecimento relacional implícito” (cf. D. Stern *et al.*, 1998) do outro, e, em primeira instância, do outro si mesmo, de insuficiente ou má qualidade afectiva (é a mesma coisa).

Sobretudo, a que atribuir a “falha” precoce desta representação pré-simbólica da relação interpessoal que, para Stern,

tem um carácter, no mínimo, tridimensional, já que concerne o afecto, a cognição e o comportamento de interacção? (é tentador evocar aqui um paralelo psicodinâmico desta conceptualização com a interessante noção psicanalítica de “objecto-subjectivo”, com a qual P. Racamier – *cit. in* R. Angerlegues, 1989 - procura significar o implícito pré-perceptivo da inscrição primordial do objecto de relação no mundo interno do sujeito).

Convocamos, a este propósito, o interessante modelo psicodinâmico que Wilma Bucci (1997) propõe para a ontogénese individual, e que nos orienta no sentido da investigação retrospectiva (a única que nos é possível realizar na fase da vida em que cada um dos pacientes chega até nós) acerca dos momento e circunstâncias da falência qualitativa dos “episódios prototípicos”, alicerçados em processos emocionais “sub-simbólicos” inscritos na resposta primordial da criança a estímulos internos e externos de diversa natureza, que, secundariamente verbalizados, deveriam constituir um “património experiencial” mnésico de qualidade bastante a permitir a modulação expressiva da resposta do sujeito às solicitações afectivas do objecto de relação.

Chegamos, enfim, ao reduto psíquico na inquirição exigente dos mecanismos de perpetuação da falha, que intuimos precoce, na integração primordial do “núcleo afectivo do si” (Emde, 1999) do Afonso e da Sara.

Regressamos, por um breve momento, à rigorosa reflexão metapsicológica de Freud no seu texto de 1920 atrás citado. Ao tentar aprofundar a compreensão acerca dos mecanismos psicopatológicos da fixação onírica dos doentes sofrendo de neuroses traumáticas, nos quais identifica um quadro tímico e sintomático próximos da melancolia e da hipocondria, o clínico começa por estabelecer uma distinção pertinente entre a sensação de susto, a emoção do medo e o sentimento de angústia. Emite, de seguida, a hipótese, segundo a qual, o doente ficaria fixado à repetição traumática (proto-onírica) da experiência de susto vivida no momento do acidente, ao invés de recordar (a partir do sonho ou através dele) a situação de medo ou o sentimento de angústia anteriores, contemporâneos ou consequentes ao momento da experiência traumática.

Para além da hipótese, avançada ulteriormente, de que o sonho/repetição traumática poderia satisfazer (enigmáticas) tendências masoquistas do Eu, interessa-nos trazer aqui esta reflexão metapsicológica, a fim de avançar a possibilidade de

que as violentas punções/poções inebriantes do Afonso, tal como os atordoantes ciclos de ingestão/expulsão alimentar da Sara, possam corresponder à *repetição* de uma experiência objectal traumática implícita, cujas divergência caótica, por um lado, e, por outro, pequena dimensão do “atractor estranho”/“continente” materno capaz de conter e transformar os conteúdos internos desorganizantes, porque susceptíveis de conduzir o frágil sistema psíquico em formação a um estado de não integração, continuam a ser actualizadas, a cada momento, pela ameaça da ocorrência de uma mesma transição de estado caótica.

Esta (transição de estado) tomaria, então, a forma de uma dolorosa angústia depressiva, capaz de romper a precária continuidade narcísica do Eu perante o impacto de estímulos divergentes (impensáveis) de frustração amorosa ou separação imprevista, a que o outro significativo, o psicoterapeuta na nossa circunstância, ameaça, todo o tempo, sujeitá-los, à imagem do sub-reptício objecto primeiro de amor e segurança. Assim, tanto o Afonso como a Sara repetem secamente, ao invés de recordar. Retomando uma ideia expressa em trabalho anterior, esta repetição, vazia de sentido, dos gestos de ambos poderia, então, corresponder a uma “solução adictiva” (Farate, 1997) tendente a esvaziar o conteúdo afectivo, i.e., o *corpus* psíquico, de todo o estímulo objectal portador de sentido, ou, por outras palavras, susceptível de trazer à tona da memória sensível de cada um o desejo do estabelecimento de uma parceria relacional intimamente contratada. A qual, a fazer fé no lado tóxico/depressivo da mente de ambos, poderia vir a revelar-se sem regresso ou (de) futuro.

O fio do afecto, ou, o espaço terapêutico como lugar (potencial) da memória

Como re-tecer, então, a rasgadura mnésica de uma superfície de contacto afectivo com um objecto interno inefável, “barreira de contacto” onírica mal provida, desde o início, de uma função α materna capaz de pensar, para além do *sensorium*, os elementos emocionais e sensoriais (elementos β) que intoxicam a mente do bebé, transformando-os em elementos α pensáveis, cuja tecedura complexa alicerça a construção progressiva de uma capacidade “continente” da mente infantil? Mais precisamente, seguindo a excelente leitura proposta por Fátima S. Cabral (1997) para a criativa conceptualização da construção psíquica, i.e. do pensamento como princípio que categoriza num todo coerente os factos da experiência indi-

vidual, emanante da reflexão clínica e epistemológica de W. Bion, como poderemos ajudar o Afonso e a Sara a recuperar a integridade da sua “barreira de contacto”? Restaurando, deste modo, a sua função de “atractor estranho” permeável à elaboração, pela matriz simbólica da fantasia, fonte do pensamento, de estímulos objectais divergentes, como a frustração ou a ausência do objecto de investimento amoroso, geradores de transições de estado caóticas na mente humana. Ou, ainda, recorrendo à elegante e precisa definição metapoética da autora, restaurar a integridade da instância interna que permite que o sonho mantenha o sono.

Só este labor psicoterapêutico, lento e exigente, permitirá o desmantelamento progressivo da rígida esquizoidia de uma “tela β ”, *claustrum* em vez de “continente” (cf. D. Meltzer, 1986), povoada de “objectos em si” impensáveis, e, como tal, funcionando como um muro “adictivo” impermeável à influência mutativa de todo o estímulo objectal sensível. Muro anti-conceptual que, na perspectiva de C. Amaral Dias (1996), impede os doentes da dependência de pensarem o negativo da ausência, o não objecto, implícito necessário à possibilidade da ligação objectal.

Recorrendo a uma hipótese avançada em trabalho anterior (Farate, 1998) pensamos que esta transformação, lenta e progressiva, da qualidade da “barreira de contacto” de ambos os pacientes poderá contribuir para melhorar a inteligibilidade perceptiva dos objectos que povoam a sua realidade externa. E isto, através da modificação secundária da sua “barreira sensível”, instância pré-consciente complexa que, em resposta aos estímulos objectais que impressionam o sujeito, opera um trabalho contínuo de re-significação perceptiva, e secundariamente conceptual, da ligação interna aos objectos de investimento primordial, na sua tripla dimensão identificatória (matricial, sexual/geracional e social). Na perspectiva que aqui defendemos, é este processo de re-significação interpretativa que subjaz à qualidade da resposta relacional (consciente e expressiva) do sujeito psíquico ao objecto actual de interacção.

Vai longa a reflexão clínica a que nos aventurámos. Não queremos, contudo, deixar de fazer uma referência final a um texto que a nossa “atenção flutuante” de descontraído leitor dominical colheu ao acaso (sobredeterminado?) no suplemento/revista de um conhecido jornal diário.

Trata-se de um texto inserido numa rubrica intitulada “100 fotos do século” e refere-se a um famoso instantâneo, inscrito na mítica contemporânea da liberdade, que capta a tensão

expressiva do momento preciso em que um jovem, saído de uma emocionada multidão, se senta, em patético triunfo, sobre um muro de Berlim, ícone vergonhoso à beira de ser desmantelado.

O jornalista interessa-se, de ordinário, em juntar o autor da fotografia com o acidental, e, não raro, anónimo, protagonista do seu objecto artístico. Neste caso, o (co)autor do objecto artístico optou por uma atitude de esteta demiurgo que analisa, de um modo culturalista e em atitude mental que nos parece algo *blasée*, o efémero histórico do facto captado, prescindindo, em conformidade com o discurso, entrar em contacto com o desconhecido acaso humano que a sua objectiva captou. Mas é o anónimo alvo humano da objectiva que mais interessante se revela nesta reportagem, virando, da sorte, “o feito contra o feiticeiro” (isto é, ganhando este foros de sujeito do acto fotografado e remetendo, pelo menos parcialmente, o autor da fotografia para a condição de mero espectador, armado de objectiva, do acontecimento captado). De facto, o testemunho deste jovem, *punk* ao tempo da queda do muro e *rasta* na actualidade, ilustra o dramatismo intenso de uma emoção marginal, porque ainda não interiorizada no âmago daqueles que, tal como ele, se dão dolorosamente conta que, se o muro/aborto ruiu, o mesmo não aconteceu com o medo paranóide da alteridade que lhe deu (má) nascença. Mas utilizemos as palavras do próprio Armin Strauch, de seu nome, proferidas, segundo o repórter, na esplanada de um café de Berlim em que expõe as colagens a que se dedica como amador (já que é jardineiro de profissão). Depois de revelar ao jornalista que a colagem preferida é a que fez com a “sua” foto, diz-lhe (diz-nos) esta coisa espantosa “Hoje Berlim já não é nada do que era. Com o muro havia mais compreensão e solidariedade entre os berlinenses de ambos os lados, oriental e ocidental. O desaparecimento do betão deu lugar a um muro invisível, ainda mais perverso. E nesse muro não nos podemos sentar...”. Até quando, perguntamos nós, retomando a tensão interrogativa do sujeito de palavra? Se a ausência de dor mima a dor da ausência, então a relação terapêutica é o lugar da memória que dá sentido ao afecto. O fio do Outro no labirinto da alma do Mesmo, será então, talvez, o sentido existencial último da demanda do Ser.

Carlos Farate
CAT Oriental do Porto
Praça Rainha D. Amélia
4300-075 Porto

Bibliografia

- Amaral Dias C. (1996) “Dor mental e toxicoddependência”, Conferência no X Simpósio de Psicopatologia Dinâmica da Sociedade Portuguesa de Psicanálise, 6/7 Dezembro, Lisboa
- Angelergues, R. (1989) Deux objets pour une réalité, *Revue Française de Psychanalyse*, 4, pp.1169-1176
- Bion, W. (1963) *Elements of Psycho-Analysis*, cf. a tradução Francesa *Éléments de la Psychanalyse*, P.U.F., coll. Bibliothèque de Psychanalyse, Paris, 1979
- Bucci, W. (1997) *Psychoanalysis and Cognitive Science; A Multiple Code Theory*, Guilford Press, New York
- Charles-Nicolas, A., Le Coguic, (1988) C. Clinique des toxicomanies, in *Précis des Toxicomanies*, ed. por J. Bergeret, J. Leblanc e col., Masson, série Précis Médicaux, Paris
- Damásio, A. (2000) *O Sentimento de Si – O Corpo, a Emoção e a Neurobiologia da Consciência*, col. Fórum da Ciência, Publicações Europa-América, Lisboa
- Emde, R. (1999) Une progression: les influences intégratrices des processus affectifs sur le développement et en psychanalyse, *Revue Française de Psychanalyse*, LXIII, p. 189-216
- Farate, C. (1997) *Risco Relacional e Consumo de Drogas no Início da Adolescência*, Tese de Doutoramento, Porto (em processo de publicação)
- Farate, C (1998) “Do acto de consumo ao gesto que consome: o signo da sina da dependência”, Conferência no Simpósio “Os Novos Caminhos da(s) Dependência(s)”, 11/12 Dezembro, Coimbra (em processo de publicação)
- Fonagy, P. (1999) Memory and therapeutic action, *Int. J. Psycho-Anal.*, 80 (2), pp. 215-223
- Freud, S (1920) Au-delà du Principe du Plaisir, in *Essais de Psychanalyse*, Petite Bibliothèque Payot, Paris, 1981
- Freud, S. (1923) The Ego and the Id, in *On Metapsychology – The Theory of Psychoanalysis*, Penguin Books, col. Penguin Freud Library, vol. II, London
- Gleick, J. (1994) *Caos – A Construção de uma Nova Ciência*, Gradiva, col. Ciência Aberta, Lisboa
- Green, A. (1992) La psychanalyse et la science, *Médecine et Hygiène*, 50, pp. 2350-2377
- Green, A. (1998) in *Interrogations psychosomatiques*, sous la direction de Alain Fine et Jacqueline Schaeffer, R.F.P., Débats de Psychanalyse, PUF, Paris
- Hamilton, E. (1983) *A Mitologia*, 3ª Ed., Publicações Dom Quixote, col. Universidade Moderna 4, Lisboa
- Le Poulichet, S. (1987) *Toxicomanies - les narcoses du désir* coll. Connaissance de l’Inconscient, NRF, Gallimard, Paris
- Meltzer, D. (1986) *Studies in Extended Metapsychology – Clinical Applications of Bion’s Ideas*, Clunie Press, The Roland Harris Trust Library, London
- Quinodoz, J-M (1997) Transitions in psychic structures in the light of deterministic chaos theory, *Int. J. Psycho-Anal.*, 78, pp. 699-718
- Sarsfield Cabral, F. (1998) *Pensar a Emoção*, Fim de Século, col. Margens, Lisboa
- Stern, D. et al (1998) Non-interpretative mechanisms in psychoanalytic therapy: the “something more” than interpretation, *Int. J. Psycho-Anal.*, 79, pp. 903-921
- Winnicott, D. W. (1954) Objets transitionnels et phénomènes transitionnelles, in *De la Pédiatrie à la Psychanalyse*, Payot 2ème Ed, Paris, 1989.